

O coser das memórias de aluna, de operária e de professora na roça: as experiências de Luzia Honória dos Santos

Ilka Miglio de Mesquita*
Raylane Andreza Dias Navarro Barreto**
Rony Rei do Nascimento Silva***

Primeiros fios

Quando eu saí da escola fui para a fábrica, depois fui ser professora na roça. Eu quase me esqueci... Há tantos anos!

Luzia Honória dos Santos (2011a).

Ver por outras lentes. Posicionar-se em outro lugar. Encontrar sujeitos e lugares. Costurar os retalhos das memórias de professores(as). Compor uma história da educação sergipana “vista de baixo”. Foi assim que direcionamos o

* Doutora em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp); membro do grupo Historiar, vinculado ao Grupo de Pesquisas em História da Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (GEPHE/UFMG); professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (Unit); integrante do projeto de pesquisa *Memória oral da educação sergipana: modos de educar e práticas escolares no território sergipano* (edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES nº 18/2012). E-mail: ilkamiglio@gmail.com.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); professora PPG1 do Programa de Pós-Graduação em Educação e líder do Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória (GPSEHM) da Unit. Coordenadora do projeto de pesquisa *Memória oral da educação sergipana: modos de educar e práticas escolares no território sergipano*. E-mail: raylane_navarro@unit.br.

*** Graduado em Serviço Social e mestrando em Educação pela Unit, membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória. Bolsista do projeto de pesquisa *Memória oral da educação sergipana: modos de educar e práticas escolares no território sergipano*. E-mail: ronysocial@htmail.com.

nosso olhar e movimentamos as nossas mãos pelos retalhos. Retalhos de cores e texturas heterogêneas, recortados de tecidos ora sedosos, ora grosseiros. Unimos pacientemente cada um deles para confeccionar uma “colcha de retalhos”,¹ pensada como uma narrativa a ser construída com as linhas, as agulhas e os relatos de Luzia Honória dos Santos e com as escolhas dos pesquisadores. Toda colcha de retalhos tem uma história: esta é composta pelas nossas mãos, e ganha combinações pelo toque da mente e das memórias que se juntam. Contudo, nosso trabalho, por ser artesanal, está sujeito a desmanches, e no movimento de (des)fazer, sobressaem estampas e histórias conduzidas por nossas experiências e pelas de nossa personagem. Esses foram movimentos para realizar parte do projeto de pesquisa *Modos de educar: práticas escolares e cultura escolar no território sul sergipano*, que tem por objeto de estudo o relato oral dos educadores dessa região. Dentro dessa proposta, entrevistamos 23 professores, entre eles a autora dos versos da epígrafe acima, a professora aposentada Luzia Honória dos Santos,² na época com 96 anos de idade, hoje já falecida.

Nossa personagem nasceu no dia 6 de setembro de 1915, na vila operária Santa Cruz, município de Estância, localizado no interior do estado de Sergipe. Nessa mesma vila iniciou o ensino escolar, aos dez anos de idade. Coursou o primário com sua única professora, Célia, de 1925 a 1929, quando deixou a escola para tornar-se operária da Fábrica de Tecido Santa Cruz entre os anos de 1930 e 1939. Mesmo não tendo concluído o ensino primário, iniciou sua carreira como professora de “banca”³ no município de Boquim,

-
- 1 A alegoria é pensada neste texto para representar uma narrativa histórica a ser construída a partir de fragmentos, fazendo a analogia com as memórias de nossa personagem – como os fios que compõem um tecido, essas memórias constituem uma história que muito revela sobre a história da educação em Sergipe.
 - 2 Luzia Honória dos Santos é uma das professoras cuja trajetória compõe o acervo do projeto de pesquisa *Memória oral da educação sergipana: modos de educar e práticas escolares no território sergipano*, coordenado pela professora Dr.^a Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. O projeto está dividido de acordo com os territórios sergipanos, perfazendo um total de oito subprojetos. O objetivo é compreender como se constituíram os modos de educar de educadores atuantes no território sergipano. Para tanto, é necessário: mapear os educadores mais antigos e de maior representatividade; identificar as práticas próprias do tempo e do espaço escolar; e analisar a cultura de escola produzida nas instituições educativas do território sergipano. O propósito é possibilitar a produção de saberes e entendimentos acerca dos modos de educar e dos métodos de ensino, fomentando interações e trocas no âmbito da pesquisa e do conhecimento, envolvendo instituições de ensino, grupos de pesquisa, discentes, docentes e pesquisadores de áreas afins.
 - 3 “Banca” é a aula avulsu, ministrada em espaços não institucionalizados (casas, garagens, galpões, salões etc.). Neste caso, em especial, a banca, na ausência de escolas, configurou um espaço educativo voltado para os primeiros anos de educação escolar.

no sul do estado. No ano de 1942, Luzia tornou-se a primeira professora da Escola Isolada Joaquim Cardoso de Araújo, localizada no povoado Arauary, município de Salgado, onde atuou durante 25 anos. A professora Luzia se aposentou oficialmente em 1964 e faleceu no início de 2012.

O presente artigo consiste em uma trama das memórias da professora, cuja história não poderia ser contada não fosse o exercício da rememoração instigado pelos pesquisadores. A narrativa dela traz consigo lembranças de vida, retalhos do seu tempo e lugar, ornados por estampas, cores, formatos, combinações e texturas de um passado vivido e hoje narrado, mesmo que, como afirmam os versos da epígrafe, quase esquecido. De tal maneira, para juntarmos os pedaços de suas experiências vividas e costurar nossa “colcha de retalhos”, puxamos os fios pelas indagações: Como, pelas experiências escolares, Luzia Honória dos Santos se fez professora? Como trabalhar na fábrica compôs um retalho da sua memória educativa? De que modo as experiências professorais de Luzia foram tecidas no cenário rural da Escola Isolada Joaquim Cardoso de Araújo? Assim, nos movimentamos com os fios das questões para buscar nos retalhos/narrativas, compostos de experiências vividas, as combinações para montar a “colcha de retalhos” que ora apresentamos.

Para entender a história de vida de Luzia Honória dos Santos fez-se necessário devolvê-la ao seu tempo e espaço. Tal professora não é um sujeito conhecido, pois não frequentou escolas de formação para professores. Seu nome, até agora, não circula na academia, tampouco está elencado na lista de “filhos ilustres” de sua cidade. Ao costurar os retalhos de suas memórias, encontramos, em sua voz cansada e suas palavras trêmulas, as experiências alargadas de uma mulher simples, nascida e criada em cidades do interior de Sergipe no início do século XX. Tais narrativas se revelam em sua linguagem crivada de erros semânticos e sintáticos – próprios de boa parte dos seus contemporâneos e contemporâneos –, que foram transcritos tal e qual.⁴ Suas narrativas constituem fragmentos que muito podem dizer da história da educação sergipana, levando-se em conta que “[...] o historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira” (Julia, 2001, p. 17). Por isso as memórias são visitadas:

4 Optamos por fazer a transcrição fiel das entrevistas, mantendo as palavras em estado bruto, repetições, erros e regionalismos. Não foram retirados os erros gramaticais e semânticos, como também alguns sons produzidos. No entanto, existem oscilações na fala de Luzia, que ora pronuncia corretamente, ora comete erros. As pontuações foram feitas segundo as pausas realizadas pela entrevistada – mantivemos o seu ritmo narrativo.

para que, somadas ao que revelam os textos normativos, auxiliem, neste caso, na compreensão de práticas culturais experienciadas por quem viveu no interior da escola. Isso nos autoriza a afirmar que, para além da singularidade de sua narrativa, sua vida traz consigo a pluralidade histórica de uma classe, de um grupo, de uma comunidade, de uma instituição. Por isso, nossa personagem constitui uma rica fonte de pesquisa para quem se interessa por revelar uma história da educação sergipana, nos moldes de uma história “vista de baixo”.

Os cortes e as combinações

Para operar historiograficamente com a noção de história “vista de baixo”, juntamos os pedaços das experiências vividas por nossa personagem, e para tanto nos apoiamos na noção de “experiência” como a entendem o historiador Edward P. Thompson (1981) e o filósofo Walter Benjamin (2012). O ponto que permite aproximar as reflexões de ambos é a introdução de novas concepções no modo de leitura/escrita da história. Suas proposições teóricas e metodológicas se afastam da ortodoxia marxista estruturalista sem, contudo, refutar por completo essa teoria. E. P. Thompson (1981) nos faz refletir sobre o caráter inesgotável da pesquisa/escrita da história, que, para ele, se revela pelos fios das evidências e vestígios deixados pelos distintos agentes históricos. Foi buscando entender o fato histórico visto de baixo para cima que Thompson se deteve nos costumes da classe operária inglesa, e assim teceu uma história não mais baseada apenas na luta de classes, mas também naquilo em as duas classes (empregadores e empregados) acordaram, concordaram e que geraram as experiências que as complementam.

Com base em Thompson, podemos conjecturar que é pela experiência que homens e mulheres definem e redefinem suas práticas e pensamentos. É por meio da apreensão de diferentes experiências vividas que é possível ao historiador escrever outras histórias, protagonizadas por outros sujeitos em outros cenários. Por isso é prudente desacreditar a “verdade do passado”, pois – parafraseando E. P. Thompson (1981, p. 51) – cada geração, cada sexo, cada nação, cada classe social produz formas particulares de apropriar-se do real, uma vez que é pelas lentes de quem vê e do lugar de onde se fala que se interpreta e se escreve a história. Desse modo, não nos reencontramos imediatamente com o passado, como se ele pudesse voltar no seu frescor primeiro.

Segundo W. Benjamin, “a verdadeira imagem do passado passa voando. O passado só se deixa capturar como uma imagem que relampeja irreversivelmente no momento da sua conhecibilidade” (Benjamin, 2012, p. 243). É nessa perspectiva de passado que “escovamos a contrapelo” a história de vida de Luzia Honória dos Santos, atravessada pelas suas experiências vividas na escola da vila operária enquanto aluna, na fábrica enquanto operária e na roça enquanto professora. Dar a conhecer sua história fez com que um espaço e um tempo vividos fossem apreendidos e perpetuados de maneira a contribuir com a ciência histórica, de modo que pelas experiências, pelo olhar e pelas lembranças de Luzia Honória dos Santos, o passado foi capturado.

As reflexões de W. Benjamin apresentam preocupações com o declínio das experiências, evidenciado na modernidade, com o fim da narração tradicional e, de maneira mais ampla, com a crescente incapacidade de ouvir conselhos. Com o ritmo acelerado do cotidiano no “mundo capitalista”, as experiências vividas pelos homens e mulheres modernos tornam-se incommunicáveis e descartáveis – para Benjamin, “as experiências estão em baixa” (2012, p. 200). Ele as entende como associadas a uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho. Em *O narrador*, esse autor se refere à continuidade e temporalidade das sociedades “artesanal”, e deixa claro que o desaparecimento dos rastros – agravado pelo aprofundamento do silêncio e, sobretudo, das experiências (quase) esquecidas – concorre para a morte da narração, o que o leva a acreditar que a arte de narrar tende para o fim. Segundo ele:

A experiência [...] ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. De forma concisa, com autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; às vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a filhos e netos – Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam narrar algo direito? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como anel, de geração em geração? (Benjamin, 2012, p. 123).

A sociedade moderna produz um aglomerado de informações que são consumidas velozmente. Assim sendo, caminha-se para uma espécie de surdez, mudez e amnésia coletiva, pois não se tem mais tempo para recordar/narrar o passado – o que nos mantém aquém das experiências. E. P. Thompson, por sua vez, entende que as experiências possibilitam dar a ver e ler o

acontecido. Por certo, o que une E. P. Thompson e W. Benjamin é essa noção de experiência, que aqui é capaz de propor aberturas e alargar caminhos para a construção de uma história da educação “vista de baixo”. As experiências vividas de nossa personagem possibilitaram-nos escrever uma história pelo “ouvir contar” e pelo “ver de baixo”, reafirmando a abertura dos seus sentidos e versões. Desse modo, buscamos nas memórias (quase) esquecidas de Luzia os pedaços das experiências a serem costurados.

Para trabalhar com as narrativas orais da professora e compor o sujeito, fez-se necessário unir o rigor e a sensibilidade na escuta/escrita. Para tal, buscamos no referencial metodológico da história oral, segundo análises realizadas por Alberti (2005) e Montenegro (2010), o modo de captar/criar fontes orais. Essa metodologia possibilita uma investigação mediada pelos processos de rememoração do passado pelo sujeito que lembra/esquece fatos, acontecimentos, personagens, tempos e lugares vividos – rememoração instigada pelo pesquisador numa relação de diálogo com a pessoa entrevistada. Assim, nas dobras do “ouvir contar” se revelam outras versões, significados e sensações. Como assevera Alberti:

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo-o falar, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiosincrasias, relatos pitorescos. (Alberti, p. 14, 2005).

Desse modo, as fontes orais proporcionam pesquisas sobre o passado conforme ele foi concebido por quem o viveu. Vale ressaltar que este tipo de fonte “sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa” (Bosi, 2003, p. 20). O depoimento oral necessita de esforço de sistematização e de coordenadas interpretativas claras, mesmo porque a construção narrativa projetada pela fala da nossa personagem não é “como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunidos” (Portelli, 1997, p. 16). Assim, o pesquisador está situado entre o fascínio do vivido/narrado e o rigor

demandado no tratamento de tais fontes. As narrativas de Luzia revelam frações do seu passado centradas em sua memória – a atividade de transformar experiências vividas em narrativa é a especificidade da fonte. Como assegura Antonio Montenegro:

[...] os relatos orais remetem a práticas microssociais vivenciadas por diversos atores. Esses atores sociais anônimos adquirem visibilidade através do que descrevem, com uma diversidade de riqueza de detalhes, experiências cotidianas, que comumente se perdem nos desvãos da história. (Montenegro, 2010, p. 69).

Ao costurarmos junto com a nossa entrevistada a “colcha dos seus retalhos”, recolhemos alguns pedaços de suas memórias para entender como ela se fez professora pelas experiências vividas. Para tal empreendimento, realizamos duas sessões de entrevistas em consonância com a metodologia da história oral (concedidas⁵ na residência da professora no Povoado Abóbora de Cima, localizado a 15 km da cidade de Salgado, Sergipe, nos dias 4 e 5 de julho de 2011). Para tanto, lançamos mão de roteiros semiestruturados, seguindo os modelos geral, específico e parcial, de acordo como *Manual de história oral* de Alberti (2005). As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo e posteriormente transcritas. Essas transcrições se encontram armazenadas em acervo digital, que futuramente constituirá o Centro de Memória da Educação Sergipana.

Entre as chaminés da fábrica e a carteiras da escola: o bê-á-bá

Continuamos nosso relato apresentando como, a partir das experiências escolares de aluna, Luzia Honória dos Santos se fez professora. Concordamos com Edward Palmer Thompson quando sugere refletirmos a sociedade por meio das experiências, uma vez que “homens e mulheres experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades” (1981,

5 A professora dispôs-se a assinar uma carta de cessão que dispõe sobre os direitos e deveres do entrevistado, bem como esclarece sobre o uso das entrevistas para fins de pesquisa acadêmica.

p. 182). Por isso, levar em consideração o que Luzia pensou, como viveu, que métodos desenvolveu, que relações fez entre teorias e práticas cotidianas, quais experiências teve para contar, são aspectos primordiais para se analisar a fim de entender como Luzia se fez professora.

A Fábrica de Tecido Santa Cruz foi a segunda do estado, fundada pelo comendador baiano Joaquim de Souza Sobrinho na cidade de Estância em 1891. Para atender às demandas dos trabalhadores, foram construídas, nas proximidades da fábrica, três escolas, uma igreja, um clube de recreação, uma biblioteca e a própria vila, com mais de 250 moradias. Entre as casas da vila se encontrava a moradia dos operários Olívia Maria da Conceição e José Honório dos Santos, os pais de Luzia. Nossa personagem lembra com frescor dos seus momentos de infância: “No tempo de criança eu brincava nas calçadas da vila [risos] com as minhas amiguinhas de boneca”. E acrescenta ainda: “[...] morava na vila dos operários... A gente se levantava junto com o sol para trabalhar”. O tempo/ espaço do viver na vila, bem como o ritmo cotidiano da sua família e dos demais trabalhadores, compõe este retalho de memória que se mostra em sua narrativa:

[...] minha mãe chamava Olívia Maria da Conceição e meu pai chamava José Honório dos Santos. Trabalhavam tudo na fábrica. Minha mãe era deixada de meu pai. Então quando minha mãe deixou meu pai eu já era nascida. Dos meus irmãos só tem de vivo eu, somente... Mais o resto? Já morreram tudo. Era sete irmãos, [...] agora os nomes das minhas irmãs chamam: Olívia, Elvira, Lurdes, Adélia e Isabel. Estância era o lugar que eu morava, Vila Santa Cruz, onde minha mãe morava mais meu pai. (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

A menina Luzia ingressou na escola aos dez anos de idade, na própria vila, onde cursou o primário entre 1925 e 1929. Esse momento da sua vida foi marcado por novas experiências – experiências para além do brincar e correr pelas calçadas da vila com seus sete irmãos. Em tempos em que as pessoas se alfabetizavam para não ficarem “cegas”, como dizia Luzia, era necessário apropriar-se do tripé de saberes: ler, escrever e contar. Sobre isso, ela rememora: “[...] minha mãe me botou na escola. Eu tinha um negócio duns mais ou menos dez anos. Quando eu aprendi a ler comecei entrar nessa folia desses a, b, c. Aí depois aprendi os números pela tabuada”. Por certo as memórias das primeiras letras e da primeira e única professora – cujo nome Luzia

ora lembra, ora esquece, ora confunde – compõem o cenário do seu tempo e espaço escolar. Desse modo, deixamos Luzia trazer à tona os pedaços/memórias do viver na escola:

A professora era dona Célia. É Célia ou é Cecília? Eu já me esqueci... Há tantos anos! No tempo que eu estudava era uma escola na vila, eu me esqueci do nome... Não me lembro mais. Era perto da fábrica ‘véia,’ aí em Estância. Era uma escola. Tinha muita turma. Essa professora era muito boa. É porque até o nome dela eu esqueço. É porque com essa idade que eu estou, eu já me esqueci de tudo. Essa professora começou ensinando, do princípio até o final. Ela escondia as palavras e perguntava: ‘Que letra é essa?’. Eu dizia: ‘Não sei’. Se eu não conhecesse ela botava de castigo de joelho até a gente aprender. Deixava às vezes presa, soltava os outros e às vezes deixava aquela aluna ali presa, até quando acertasse a palavra. Muitas coisas eu já esqueci. (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

Para adentrarmos a escola de Luzia, concebemos como elementos centrais os sujeitos que compõem esse espaço. Segundo Vidal (2009), os sujeitos envolvidos no cotidiano escolar ganham visibilidade na medida em que traduzem as regras legais, as normas pedagógicas e os imperativos políticos em práticas escolares. Desse modo, a posição que cada sujeito ocupa no interior da sala de aula é reveladora das práticas escolares produzidas no cotidiano da escola. Sobre isso, rememora Luzia: “Ela escrevia no quadro e a gente escrevia no caderno. Pra tomar a lição... os alunos tudo assentado. Ela chamava pelo nome: ‘Fulano!’; a gente ia dá a lição. Ela marcava e chamava o outro...”. Assim, podemos conjecturar que os agentes escolares, como professores e alunos, traduzem regras em fazeres, o que constitui suas experiências escolares. Na narrativa de Luzia ficam claros o método da imitação, a ordem disciplinar e a importância da memória para a escrita da história.

Por certo, para além das personagens que desempenham seus papéis escolares no interior da sala de aula, os objetos e instrumentos são elementos importantes para o entendimento de como se produzem essas práticas, visto que eles nos permitem “[...] conhecer as estratégias de conformação da corporeidade dos sujeitos imposta pelos mecanismos do poder [...] inventadas por alunos e professores” (Vidal, 2009, p. 32). Cartilhas, livros, cadernos, quadros-negros, carteiras, birôs, gizes, mapas, globos terrestres, gravuras, exposições cartográficas, enfim, todos os suportes/instrumentos de aprendizagem

compõem a cultura material da sala de aula. Nas memórias de Luzia, essa materialidade se apresenta assim:

A professora ensinava pelo livro. Eu tinha livro, tinha português, ciências, manuscrito, tudo tinha... Existia quadro de giz, ela [a professora] no birô e a gente em bancos. [...] Era cada um somente com sua pedra de escrever. Não existiam cadeiras, era banco. Naquele tempo não tinha carteira para pobre, era banco, escrevíamos em cima do colo, a coluna doía muito. (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

Dessa forma, os bancos ordenavam espaços e sujeitos dentro de um universo delimitado. A materialidade contava com suportes de escrita e, no caso de Luzia, tanto ela como seus colegas apoiavam as pedras de ardósia⁶ no próprio colo. Para os preceitos higienistas, divulgados em Sergipe pelo médico e Diretor da Instrução Pública Helvécio Ferreira de Andrade⁷ nas primeiras décadas do século XX, tal prática de sala de aula era considerada prejudicial ao desenvolvimento do corpo. Segundo Castro e Silva, “na escola, mesa e cadeira encontraram força singular que as transformaram em objetos com atuação direta na higiene do corpo, na disciplina, no conforto e na aprendizagem” (Castro; Silva, 2012, p. 169).

O método de ensino utilizado pela professora Célia é, por sua vez, diretamente influenciado pela materialidade da sua sala de aula. Testemunhou Luzia:

Ela [a professora] mostrava os animais no quadro e a gente tinha que dizer se era selvagem ou se era útil, doméstico. Ela ensinava doméstico, selvagem e outro [...]. Eu acho que era. Dona Célia ensinava ciência. Conhecendo os animais, o nome dos bichos, era assim. Não me lembro mais, não tenho mais memória para contar. Geografia ela ensinava esse negócio do mar, da água, essas ‘coisa’... Ela mostrava pelos retratos do livro. É tudo diferente de agora. Ela usava figuras e a gente fazia uma descrição. (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

6 As pedras de ardósia eram utilizadas para a escrita, em decorrência da escassez de cadernos.

7 Segundo Valença (2006), Helvécio Ferreira de Andrade foi o introdutor das ideias escolanovistas em Sergipe. Diretor da Instrução Pública nos períodos entre 1913-1918, 1926-1927, 1930-1935, ele contribuiu com a difusão dos conceitos médico-higienistas, pois o mesmo entendia higiene e educação como sinônimos de progresso.

Observa-se na narrativa da nossa personagem indícios da aplicação do método intuitivo.⁸ Tal método partia da apresentação dos objetos às crianças, seguida do seu nome e da sua estampa ou desenho – exatamente o oposto do método sintético. Pelas prescrições do método, a professora deveria escrever, ao lado do desenho ou gravura, o nome do objeto para que as crianças aprendessem a distingui-lo. Sobre esse método, Vera Teresa Valdemarin afirma que:

[...] consiste na colocação de fatos e objetos que seriam observados pelos alunos, criando situações de aprendizagem em que o conhecimento não é meramente transmitido e memorizado, mas emerge no entendimento da criança a partir dos dados inerentes ao próprio objeto. (Valdemarin, 1998, p. 70).

A instrução por meio desse novo método, de acordo com a mesma autora, não significou o fim dos métodos tradicionais, a exemplo do método sintético, que consiste em iniciar pela análise das partes para então compreender o todo. Com a junção dos retalhos das narrativas do viver na escola da nossa personagem, desvela-se uma cultura escolar com métodos de ensino característicos da educação no início do século XX. Segundo Vidal (2010), os modos de educar nesse período baseavam-se no método tradicional, calcado na repetição, recordação e soletração. Como nossa personagem revela, “a professora passava lição de cor, tinha que decorar até as vírgulas e pontos. Quando acabar era para preparar aquela lição, para no outro dia a gente decorar e responder aquelas palavras”. Percebe-se nesse relato que, além do método intuitivo, era recorrente uma pedagogia do “ouvir”, na qual a professora e os alunos mediavam os saberes escolares pelo ouvir/falar. Sobre os saberes e métodos, Luzia continuou rememorando:

Dona Célia escrevia no quadro para a gente responder aquelas palavras. Tudo decorado na cabeça... Era na memória. Tinha livro de português, manuscrito e o de geografia. História, ela contava de Tiradentes, Dom

8 Criado por Johann Heinrich Pestalozzi na Alemanha, o método trazia como novidade as lições de coisas, estimulando os sentidos dos alunos. O que se pretendia era que as lições se dariam pela visão, pela audição, pelo tato, pelo olfato, pelo paladar, enfim, aguçando percepções, intuições, observações e experimentações. Assim, despertava-se o senso investigativo e criativo dos alunos, com apoio em novos processos de aplicação de leitura, escrita, recitação e exercícios. Segundo Valença (2006), na visão do médico e diretor da instrução pública em Sergipe Helvécio Ferreira de Andrade, o método intuitivo era visto como o que fala ao espírito e ao coração da criança por meio dos sentidos.

Pedro I, Dom Pedro II, perguntava tudo. Eu tinha livro de geografia, tinha tudo. A tabuada... Agora a tabuada de hoje em dia que está estudando é pelos livros, mas lá tinha que ser decorado. A gente dava leitura. Quando acabava leitura, a tabuada. Aí ela perguntava: ‘Cinco e quatro? Nove e três? Nove e um?’. Ela perguntava salteado, nada de dizer direto não. Perguntava cinco, aí depois perguntava sete, perguntava nove. Era assim. Se errasse: ‘Psiu! Vá pra ali, num canto assim!’. A gente ficava toda acanhadinha. Matemática, geografia e manuscrito. Cada um num dia. Ela dizia: ‘Hoje é manuscrito!’. A tabuada de somar, diminuir, dividir e multiplicar. A de multiplicar ela fazia no quadro, fazia de dividir, botava nas pedras pra responder. De cada matéria eu tinha uma pedra. Se não soubesse a lição ficava de castigo. (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

Os instrumentos de punição e outros dispositivos disciplinares se faziam presentes no interior da sala de aula e se evidenciavam nas práticas de castigos físicos e simbólicos (por exemplo, manter os alunos em pé durante horas em frente ao quadro-negro ou impedi-los de participar dos momentos de recreação). Mesmo que desde a Lei Imperial de 15 de outubro de 1827 estivessem proibidos os castigos físicos nas escolas – entre outras prescrições –, muitos professores seguiam fazendo uso desse recurso em suas aulas, a exemplo da professora Célia: “A professora usava uma palmatória enorme. Todo aluno desobediente levava meia dúzia de palmadas”. Tal declaração nos permite entender que a professora Célia impunha em seus alunos a disciplina moralizante que se evidenciava, também, na divisão do tempo, no ordenamento das filas, na posição corporal dos alunos – aspectos que traduzem a cultura da escola vivida/produzida por todos os personagens que compunham o espaço. Desse modo, recorremos os retalhos das memórias de Luzia acerca dos castigos físicos e das normas escolares que orquestraram corpos e mentes de alunos, na tentativa de cingi-los:

Os castigos... Bom... Quando era um negócio grave, sentava, se ajoelhava [...]. Se ajoelhava no chão por causa daquela coisa que aconteceu. Não ficava não, muito tempo, tirava logo [...]. Eu levei foi muitos. Cansei de apanhar. Tinha palmatória e régua. Me batia! Se a pessoa errasse ali... Beliscão. Batia numa mão e na outra, ‘pá, pá, pá, pá’ [mostra com as mãos]. Ela dizia: ‘Diga isso assim, assim...’ A gente tinha que dizer, se não respondesse, ela botava de castigo. E se não dissesse a lição, ela batia dois bolo em cada mão. E se não

soubesse responder, se fosse um erro muito grave, a pessoa tinha que ficar ali, [...] as outras: ‘Vá embora!’. Mandava aquela aluna ir, a gente ficava ali de castigo. Minha mãe cansou de me ‘panhar’ na escola, porque eu ficava de castigo de joelho. Hoje em dia tá uma maravilha. (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

E continua:

Os meninos brincavam de bola e a gente brincava de roda, de correr ali num campo muito grande. A gente brincava. Quando era onze e meia: ‘Tudo pra dentro!’. Só soltava doze horas, doze e meia. A gente dava aquela lição, todos os alunos tinha que dá aquela lição, ‘tê-tê-tê-tê’, quando acabava soltava as meninas, ‘Vá embora!’. ‘Adepois’ os meninos, ‘tê-tê-tê-tê’, ‘Vá embora!’. Era tudo separado. Na sala eram separadas as cadeiras. A turma de aluno masculino e outra de feminino as carteiras. Pra pessoa tomar um copo de água, ‘oxente!’ Quando terminava de tomar aquela de água, ela dizia: ‘Psiu... sentar!’. A gente sentava. Tinha um banheiro próprio feminino e masculino. Muitas coisas ainda me lembro, ‘mais’ outras coisas... (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

Apesar da turma escolar da pequena Luzia ser caracterizada pela coexistência dos sexos feminino e masculino, a professora Célia lançava mão de mecanismos de afastamento, a exemplo da separação dos lugares, das formas de recreação, dos horários de saída, entre outros. Viver na escola, no seu ritmo diário, contribui para tornar o indivíduo capaz de produzir formas específicas de pensar e agir no ensino escolar; o ambiente escolar deve ser entendido como produtor de uma cultura específica e/ou de coexistência de diferentes culturas. Isso pode ser evidenciado quando atentamos para o viver na escola de nossa personagem e percebemos o quão orquestrados podem ser os modos de transmissão cultural a partir de um propósito disciplinador.

A apropriação de Julia (2011) por Vidal (2009) resultou na seguinte forma de conceber as práticas escolares: “[...] práticas híbridas, fruto de mestiçagens, constituídas como meio dos sujeitos se situarem frente à heterogeneidade de bens e mensagens de que dispõem nos circuitos culturais e como forma de afirmação de suas identidades sociais” (Vidal, 2009, p. 30). Desse modo, as práticas escolares são produzidas pelos agentes envolvidos no cotidiano da escola, ora pela resistência, ora pela absorção das normas e das condutas institucionalizadas. Conforme Vidal, a produção das práticas escolares

[...] combina a atenção às normas ao interesse pelas práticas, tentando perceber como professores e alunos traduzem as regras em fazeres, expurgando diretrizes que consideram inadequadas e selecionando dispositivos em detrimento de outros, numa verdadeira triagem e reconversão do que lhe é proposto. Para tanto, esses sujeitos valem-se da experiência (administrativa, docente e discente) construída social e historicamente. (Vidal, 2009, p. 29).

Para entender as sinuosidades e entrelinhas que compõem a complexa malha da vida escolar da nossa personagem, recorreremos às análises do historiador Dominique Julia, que definiu cultura escolar como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (Julia, 2001, p. 10-11). Essas reflexões nos ajudam a considerar que Luzia Honória se fez professora não somente pelo exemplo de sua professora Célia ou mesmo pelas normas que incorporou enquanto aluna e ajudou a inculcar na atuação como professora, mas pelo somatório de saberes e fazeres adaptados às condições dos tempos e lugares em que esteve inserida.

A criança operária de chão de fábrica: teares, tessituras e experiências (quase) perdidas

Partimos das denotações sobre a composição da cultura escolar (normas e práticas) para refletir sobre o período de alfabetização de Luzia. Assim sendo, damos continuidade à confecção da nossa “colcha de retalhos” nos perguntando como o viver/trabalhar na fábrica compôs um retalho da sua memória educativa.

Luzia Honória dos Santos luta contra o esquecimento ao falar do seu passado – passado transcorrido, também, como já revelado, entre os teares da Fábrica de Tecido Santa Cruz, onde trabalhou para garantir a sua subsistência e a de sua família, como rememora: “Não cheguei a tirar meu primário completo, pois minha mãe me colocou na fábrica para ajudar dentro de casa [...]. Comecei a trabalhar ainda criança... Ela separou do meu pai. Aí eu fiquei na fábrica trabalhando”. As suas lembranças do cotidiano na fábrica lutam contra a força inexorável do tempo, que insiste em tudo apagar, recalcar, negar e esquecer; aos 96 anos de idade, lembra que, menina, deixou lápis e caderno para tecer os fios da tecelagem, como revela pela narrativa:

Demorei muito para aprender a ler, porque o juízo não dava. Só queria andar brincando! Mas não estudei mais, porque não tinha quem desse [falando sobre as condições de sobrevivência]. Então ela [a mãe] me tirou da escola e me botou na fábrica. Trabalhei muitos tempos na fábrica para ajudar ela. Agora minha mãe não tinha marido. Só tinha Deus com ela... Depois da fábrica fui ser professora de dois meninos na roça. Na fábrica trabalhei dando nó em negócio de toalha, de lençol, essas coisas. 'Adepois' me botaram para os teares. Fazia pano na fábrica 'véia.' Nem terminei a quarta série toda! (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

Por certo as experiências de Luzia, costuradas em seus retalhos/narrativas, contribuem para o entendimento de sua composição, pois sua rememoração está entrecruzada por sensibilidades, tempos, espaços, vozes, silêncios, que trazem pela palavra o seu passado que, sem isso, desapareceria no "limbo". Como refletiu Gagnebin, a tessitura/narração produz um véu/voz, que se compõe "nos movimentos ao mesmo tempo complementares e opostos dos fios da trama e da urdidura, assim também se mesclam e se cruzam, na produção do texto, a atividade de lembrar e a atividade de esquecer" (Gagnebin, 1999, p. 5). Assim como os teares mecânicos da Fábrica de Tecido Santa Cruz teceram toalhas e lençóis, a nossa personagem tece narrativas que a identificam na condição de operária. Luzia urde suas memórias:

Quando eu saí da escola, eu fui pra fábrica. Fui trabalhar na antiga Fábrica de Tecido Santa Cruz. Bom, quando minha mãe botou na fábrica eu fazia... Enchia coisa de linha sabe? Depois dá um nó na toalha. Dava nó nas toalhas, aquela coisa de fio assim. Depois terminei aquele trabalho me botaram para os teares, pra trabalhar nos teares, fazer pano, essas coisas com rolo de pano na fábrica. Eu trabalhava... Ia para lá de manhã e só saía de lá de tarde. A comida... Quem tinha podia comer. Levava melhor comidinha. Na fábrica tinha um salão de guardar aquelas comida... Quem morava mais perto vinha comer em casa. Depois que eu trabalhei nessa fábrica, minha mãe me botou na fábrica nova. Eu passei uns tempo na fábrica nova, depois saí da fábrica nova [...]. Trabalhavam tudo no tear. Trabalhava nos teares, fazer pano, encher caneca, tudo isso. Trabalhei muito. É duro para me lembrar. Eu me esqueci... Eu nem sei mais. (Luzia Honória dos Santos, 2011b).

As memórias fabris da nossa personagem trazem pela palavra os ritmos, símbolos e rituais que compõem o cotidiano fabril, como o trabalho de tessitura, as refeições, o “encher caneca”,⁹ entre outras atividades, atravessadas de lembranças e esquecimentos que, por sua vez, se conjugam para construir a narração de uma criança operária. De tal modo, a lembrança de Luzia não deixa de ser atravessada pelo esquecimento, como apareceu em sua narrativa: “Me esqueço!... É porque com essa idade que eu estou, eu já me esqueci de quase tudo”. Compreender o sujeito pelas suas impressões/lembranças não é uma tarefa linear e tranquila, pois o fluxo de lembranças, como elucida Gagnebin, “abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras” (Gagnebin, 2001, p. 91). A narrativa histórica tecida pelas suas memórias (quase) esquecidas se revela pelos recortes da linguagem e pelas imagens turvas do seu passado, que nos deixam rastros para compreender que nossa personagem se fez professora também pela operária que foi. Sobre essa transição, rememora:

Eu queria ser professora um dia, mas vivia na fábrica trabalhando no pesado. Achava que ser professora era uma coisa, muita coisa... Eu negra e filha de mãe separada, era difícil. ‘Adepois’ tinha que trabalhar duro para garantir o pão de cada dia. [...] eu nos teares achava bonito a minha professora corrigindo as pedras dos alunos. Quando ela passava pela rua, com os livros dentro de uma pastinha. Eu dava uma carreira só para ver ela indo para escola da vila. (Luzia Honória dos Santos, 2011b).

Os motivos pelos quais Luzia se afastou da escola persistem em suas lembranças: “Para ganhar mais, ela [mãe] chegou e me tirou da escola e me botou na fábrica pra ir ajudar ela... Só tinha eu e ela dentro de casa, as outras já tinham casado tudo”. Sobre a jornada extenuante de trabalho na fábrica, Luzia rememora: “Acordava bem cedo para trabalhar e só saía com o sol se pondo [...]. Trabalhava muito, sem descanso. Nesse tempo não existia essas leis de hoje em dia”. A narrativa acerca do cotidiano da fábrica vivenciado pela criança operária evidencia as condições de existência da sua família, bem como as de outros operários na década de 1930. Porém, Luzia tomou outros rumos, como conta: “Depois que saí da fábrica fui muito tempo empregada

9 “Caneca”, no jargão de fábrica usado pela nossa personagem, é um cone de linha.

de um homem, ele tinha dois filhos e eu comecei a ensinar a lição a eles [...]. Nesse tempo não existia escolas nem professores”. E continua:

Tinha uma mulher que dizia: ‘Ela sabe ler, ela é boa!’, e mandaram me buscar pra eu ficar ensinando dois meninos, aí eu ensinava os dois meninos. Foi o primeiro lugar que eu comecei a ensinar, foi ali perto de Boquim. Me esqueço até o nome do lugar... Tinha um homem que trabalhava lá, aí falou pra minha mãe, pra eu ficar ensinando dois meninos que era filho dele. O lugar aqui perto de Boquim, pra eu ensinar os filhos dele, aí eu fiquei ensinando... O pessoal gostava. (Luzia Honória dos Santos, 2011b).

Desse modo, por saber ler, a operária negra e filha de mãe separada reencontrou a educação. Nos idos da década de 1940, o interior do estado de Sergipe ainda carregava características da educação imperial que, segundo Marcus Levy Bencostta, se traduziam em “escolas carentes de edifícios próprios, livros didáticos e mobiliário, e precárias em pessoal docente qualificado para o ensino de crianças [...]” (Bencostta, 2005, p. 69). Foi nesse contexto, seja pela falta de escolas ou pela ausência de professores, que Luzia Honória dos Santos, aos 24 anos de idade, começou a ministrar aulas de forma autônoma a dois meninos, nas redondezas da cidade de Boquim.

Os retalhos são confundidos: do tear da operária para o birô da professora

Continuamos interrogando Luzia sobre suas experiências professorais a fim de compreender como elas foram tecidas no cenário rural da Escola Isolada Joaquim Cardoso de Araújo. Era o ano de 1942 e Luzia, com 27 anos, casou-se e foi com o marido residir no município de Salgado, mais precisamente do povoado de Arauary. Sobre essa época, rememora: “Quando meu marido comprou um lugarzinho chamado aqui, Arauary de Baixo, o finado prefeito achou muito bom eu ‘tá’ ensinando. Aí ele disse: ‘Eu vou fazer um grupo pra ela ensinar’”. Até então, no referido povoado não havia professores, tampouco escolas, como relatou: “Aí me fizeram esse convite pra ‘vim’ ensinar. A primeira escola que ensinei foi no Joaquim Cardoso de Araújo. Não existia escola na roça... Eu fui a primeira professora”. O testemunho é revelador das formas de contratação dos professores numa época em que não havia

concurso público. Os professores primários eram escolhidos por prefeitos, vereadores, fazendeiros e por outras figuras que detinham poder localmente. Sobre isso, conta Luzia:

[...] chegamos aqui em 1942. Eu já tinha ensinado esses dois meninos [...] O prefeito disse: ‘Vamos botar ela pra ser professora’, aí me botaram. Eu ensinava aluno da Abóbora.¹⁰ Foi o finado Juca, ele era prefeito. Aí comprou um lugarzinho: ‘Agora vamos fazer uma escola com a professora Luzia!’. Eu fiz uma casa e ele fez o colégio. Aí tive ensinando e enchendo de menino, enchendo de menino, enchendo de menino. Aí eu fiquei ensinando até quando eu entreguei a uma filha. Eu ensinava a sessenta alunos [...]. Trabalhei vinte e cinco anos... Até que a prefeita disse: ‘Ela está ‘véia’, não dá pra ensinar mais não, vamos aposentar ela!’. Aí me aposentou... Ensinei no Arauary, ensinei o primeiro, segundo, terceiro e quarto ano em uma sala só. (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

A construção da Escola Municipal Joaquim Cardoso de Araújo, no ano de 1942, representou a preocupação do então prefeito “Juca” com a educação no povoado de Arauary. O local que sediava tal empreendimento se caracterizava por possuir uma única sala, de modelo multisseriado, cujo ensino era ministrado simultaneamente aos alunos das quatro séries iniciais do curso primário. Como conta nossa personagem: “Era tudo misturado em uma sala só, alunos de todos os anos. Agora eu separava por carteiras e por lição. Os alunos que estavam mais adiantados sentavam atrás e as leituras eram mais pesadas. Os mais fraquinhos ficavam no a, b, c, bem pertinho de mim”. Segundo Solange Aparecida de Oliveira Hoeller, “[...] nas Escolas Isoladas, a grosso modo, um só professor lecionava no mesmo horário escolar, na mesma sala e a todos ao mesmo tempo, embora ocorressem níveis diferenciados de andamento e diferenciação dos anos de escolarização dos alunos” (Hoeller, 2009, p. 30).

A partir do que foi exposto, entende-se que a composição das práticas professorais de Luzia para ministrar aulas em turmas multisseriadas se desenvolveu no cotidiano escolar, ora como aluna, ora como aprendiz de professora, ora como a única professora do lugar. Como afirma Vidal, “as práticas escolares se manifestam no interior da sala de aula pela ação dos sujeitos

10 Povoado adjacente a Arauary, no município de Salgado.

escolares” (2009, p. 30). Assim, pode-se afirmar que os sujeitos são agentes produtores/difusores de tais práticas, como indicam as narrativas de Luzia:

Para ensinar o ABC eu passava uma lição... Quando era no outro dia, eles vinham... Primeiro eu ensinava, tinha que ensinar a criança para no outro dia ela dar a lição decorada. Se tivesse algum que não soubesse ler... Eu ensinava. Chegava: ‘Vamos ‘dá’ a lição!’ Quem não sabia eu ensinava: ‘Vá sentar’, aí sentava. Quando fosse a hora do recreio, que terminava o recreio, eles vinham me ‘dá’ a lição, de um em um, de um em um, de um em um. Tinha umas perguntas, se o menino soubesse aquela pergunta a gente passava pra outra, se não soubesse, ficava na mesma. (Luzia Honória dos Santos, 2011b).

E prossegue:

Os alunos não conversavam, pelo contrário... Se conversassem escondido, que era pra não olhar. Se eu visse levava pancada na cabeça com a régua... O castigo era régua e tudo. Não gostava de ver conversa. Às vezes eu via... Eu tinha audição boa, por isso que hoje em dia estou surda. Eu via eles cochichando, eu não gostava. Aí eu vinha devagarzinho, dizia que ia à casa tomar água, quando chegava... ‘Psiu!’, aí eles pegavam o livro. Nas provas eles não colavam. Tinha deles que fazia assim [mostra virando a cabeça]. Quando eu via, dizia: ‘Psiu! O que é que você tem aí?’ – ‘Nada, nada.’ – ‘Quando acabar levante’ e ele ficava de castigo e não respondia. Eles gostavam de estudar que pelo menos não trabalhavam. Era o maior prazer que os pais tinham comigo quando eu ensinava. Hoje em dia, as leituras são melhores do que a minha, mas não leva castigo [...]. Professor hoje em dia não bate em aluno e eu castigava. Os pais deles tinham o maior prazer. Hoje em dia os meninos são tudo desembestado, mas os meu, nunca foram. (Luzia Honória dos Santos, 2011b).

As narrativas das memórias professorais são reveladoras de práticas escolares e cultura escolar produzida também pela experiência do outro. No caso que estamos analisando, tal cultura e o sentido de ser professora foram construídos a partir das referências que a aluna Luzia buscou na professora primária Célia. Parafraseando W. Benjamin (2012), a experiência se alimenta da própria vida e da experiência do outro: evidência disso é a revelação da narradora de que desde a sua mais tenra idade “brincava de escolinha...

Eu sempre era a professora das minhas amigas”. Desse modo, podemos assegurar que a professora Luzia também se fez da aluna que ela foi um dia, como revela neste retalho de memória sobre o ensino da matemática:

Como eu aprendi a matemática eu ensinei aos meus alunos. Eu fazia no quadro, dava aquela tabuada no quadro e fazia as conta. A gente passava aquela tabuada pra estudar. Quando era no outro dia que chegava passava no quadro pra responder no quadro. Ela respondia de somar, fazia uma de multiplicar, e outra de dividir. Agora, conta de dividir a gente ensinava mais quando os alunos estavam na terceira série. Agora as outras de somar e de diminuir, eu fazia mesmo. Fazia aquelas contas, eles levavam para casa, quando era no outro dia eu perguntava. Todo santo dia tinha que dar aquela lição direto. Tinha que ‘dá’ de manhã quando chegava, ela estudava e eu perguntava: ‘Cadê o ponto? O que é que você sabe?’. Eu ensinava. ‘Quatro e um? Cinco e quatro? E dois e seis? Quatro e quatro? Oito e quatro? Perguntava: ‘Quatro e cinco?’. Aí dizia: ‘Nove’. Era salteado, ou se não pegava do final para o princípio. Não dava carreirinha não, não era direto. E tinha tabuada, hoje em dia não tem tabuada mas de primeiro tinha tabuada. A última conta de tabuada era de dividir. Tinha a primeira, tinha de diminuir, de multiplicar e de dividir. Estudava assim. (Luzia Honória dos Santos, 2011b).

O método de ensino que perpassa o relato de Luzia estava centrado na atividade verbalizada pela memorização dos conteúdos escolares. Tal prática se evidenciava no uso das tabuadas e no binômio perguntas/respostas, velozmente emitidos por alunos e professor, nas sabatinas. O status de professora, de quem domina o método acima exposto, conferiu à nossa personagem uma significativa representatividade local, como afirmou: “Hoje em dia não tenho valor, mas já fui muito... Já tive valor ali, todos gostavam de mim. Quando saí dali, ficou muita saudade no Arauary”. A saudade talvez estivesse atrelada ao que representou, para os moradores daquele local, o esforço da tripla jornada de trabalho de Luzia, que se dividia entre ser professora de crianças, capinar na roça e, à noite, dar aulas a jovens e adultos. Sobre o seu cotidiano, lembra: “[...] eu gostava e muito de ser professora... Eu ensinava pela manhã e de tarde botava a enxada nas costas e ia trabalhar na roça. Quando era de noite eu ia ensinar aos rapazinhos”. Nesse momento da sua narrativa, aproveitamos o ensejo e indagamos sobre as especificidades de educar jovens e adultos:

Pelo dia a diferença era muito grande. Era criança e os da noite já era de adulto. O que eu passava para alunos da noite não passava pelo do dia, nem o de dia pela noite. O da noite eu ensinava somente um livro só. Ensinei o primeiro ano, o segundo ano, o terceiro ano da noite. Agora de dia começava do ABC até o final. Os alunos da noite eu só ensinava, fazia algumas perguntas... Agora, ensinava direto. Primeiro, segundo, terceiro, não fazia aquelas perguntas igual a como a gente fazia à criança. Português eu fazia as perguntas, fazia no quadro e eles respondiam. Matemática eu fazia as contas de somar, subtrair, multiplicar e até de dividir. Eu ensinava alunos de quinze anos para cima, dezesseis e até de vinte, eu consegui ensinar. Os alunos da noite eu não ensinava a rezar. Só ensinava as crianças. Eles cantavam hino nacional. Estudavam na sala, na mesma escola. No Arauary de cima e na Santa Rosa. (Luzia Honória dos Santos, 2011b).

Vale ressaltar que Luzia, além de exercer a atividade de professora, desempenhava outras funções, como merendeira, zeladora, lavadeira e vigia, dentre outras. Tais funções foram assim elucidadas em sua narrativa: “[...] eu fazia a merenda, não tinha negócio de merendeira do governo, não tinha nada. Vinha ensinar... Quando era meio-dia, dez horas, dava a merenda, quando era duas horas soltava. Pegava aquela ruma de prato, de panela, aí eu ia lavar tudo no rio”. Desse modo, podemos observar o lugar ocupado por Luzia em sua escola, que lhe conferia em sua localidade alta representatividade, pois era um sujeito polivalente cujas atividades variavam entre as práticas de professora e tantas outras atribuições. Sobre isso, testemunha nossa entrevistada: “[...] o pessoal dizia: ‘Nunca vi uma mulher trabalhar como dona Luzia’. E hoje é diferente... Os alunos vão tudo pra casa, tem sua merendeira, e eu não tinha merendeira. Eu era tudo”. E acrescentou ainda sobre o cardápio escolar típico do lugar: “A merenda era eu mesma quem fazia... Batata, arroz-doce, macaxeira. Trabalhava de manhã, fazia a merenda, deixava feita, pra quando for dez horas eu ‘dá’”.

A professora Luzia muito herdou do senso patriótico aprendido enquanto aluna: no lugar de professora, deu continuidade aos ensinamentos alusivos à nação brasileira no ensino de história e geografia, sem fazer distinção de conteúdos disciplinares: “[...] eu contava aquela história, aquela coisa para os alunos, e a geografia a mesma coisa. Eu ensinava a morte de Tiradentes, Pedro I, Pedro II. Tudo isso eu ensinava”. A professora Luzia incutiu em suas aulas rituais patrióticos: ao cantar o hino nacional em adoração à pátria, moldava-se o ufanismo republicano que chegava aos lugares mais

distantes. Assim, rememora: “Eu ensinava o hino nacional [leia-se do hino à bandeira] a eles todo em pezinho. Era tudo em pezinho e ensinando... ‘Salve lindo pendão da esperança, salve símbolo augusto da paz. Tua nobre presença à lembrança...’ Tudo eu ensinei”. Os atos de civismo faziam parte do cotidiano escolar, uma vez que hinos, poesias, poemas e canções eram ensaiados durante todo o ano letivo para serem entoados nas datas comemorativas, a exemplo do dia 7 de Setembro. Ouvimos este pedaço de entrelaçamento das memórias de aluna e de professora:

Ela [professora Célia] ensinava na sala o hino nacional, o hino da bandeira, era tudo em pé... para cantar na festa de 7 de Setembro. A gente arrumada em filas tinha a banda no meio e moça toda vestida de branco com bandeira. Eu como professora cansei de sair com o caminhão cheio de aluno pra ‘vim’ pra festa aí em Arauary. Em festa de 7 de Setembro... Era a festa mais linda do mundo [...]. Eu ainda fiz muita festa aqui. A farda era grená. A blusa branca, a gravatinha, o bolsinho com o nome da escola. E aqui tinha o nome [mostra com as mãos na altura do peito], se fosse primeiro ano tinha que botar primeiro ano, se fosse o segundo botava segundo, se fosse terceiro botava terceira, a turma era assim... Tinha a turma terceira na frente, tudo fardadinho com a bandeira no meio. Até a polícia vinha, veio um policial ensinar, para eu botar os meninos para marchar... Quem não sabia direito. Ele veio uns quatro domingo ou mais, ele vinha ensinar os meninos a marchar. Eu gostava e muito. Eu cansei de ‘vim’ pra aqui. Agora vinha aquela turma de gente tudo de caminhão, os meninos tudo na frente marchando. Ainda hoje me esqueço do nome... Vinha ensinar os meninos aqui na escola em Arauary. Eu já me esqueci... (Luzia Honória dos Santos, 2011b).

No período que compreende o Estado Novo no Brasil, a educação cívica – que tinha por meta o aprimoramento físico, moral e intelectual da raça humana – se dava mediante o exercício do patriotismo. Segundo Horta, a educação cívica deveria fazer o saneamento moral dos cidadãos, pois, na visão do então Ministro Capanema, a “formação do caráter é mais preciosa do que a do corpo ou da inteligência” (Capanema apud Horta, 1994, p. 155). Para despertar o sentimento patriótico no povo brasileiro, o governo Vargas valia-se dos meios de comunicação e principalmente dos eventos esportivos e culturais para a exaltação dos símbolos e heróis nacionais. Por certo, as comemorações alusivas ao 7 de Setembro, somadas à presença de um militar

para ensinar as crianças a “marcharem”, são evidências de como, até nos mais recônditos lugarejos brasileiros, funcionaram os propósitos governamentais.

Foi assim que a professora Célia, pelos atos de cantar o hino nacional e o hino à bandeira no cerimonial de 7 de Setembro, incutiu em sua aluna o pertencimento nacional. Evidência do sucesso desse procedimento é a reprodução de tais práticas por Luzia, na condição de professora, com seus alunos em Arauary. Os ensinamentos religiosos também foram incorporados ao conjunto de saberes a serem inculcados nos alunos no espaço escolar: nossa narradora revelou que dava aula de religião “dia de domingo... Todo domingo pela tarde, eles vinham, para eu ensinar todo domingo, todo domingo... No feriado de dia santo, eu vinha ensinar a religião”. Sobre o ensino religioso nesse período, a predominância era dos ensinamentos da Religião Católica Apostólica Romana. Muito embora no regime republicano se preconize a separação entre Estado e Igreja, a prática proselitista da catequização dentro das escolas públicas brasileiras foi um denominador comum da época, como narrou a professora da roça: “Eu ensinava o Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria, a Salve Rainha e fazia as perguntas. Fazia perguntas pelo catecismo: ‘Onde foi que Jesus nasceu?’. Eles diziam: ‘Foi em Belém’”.

Conforme os ideais da Escola Nova, a partir dos anos 1930, o ensino religioso poderia/deveria ser ministrado apenas em alguns estabelecimentos específicos, como as escolas de cunho religioso confessional, e não mais naquelas mantidas pelo poder público. Porém, a experiência de Luzia demonstra que o alcance dessas regras era limitado: na prática, os professores incluíam sua formação religiosa no espaço escolar. Foi privando-se da folga dominical que a professora conseguiu catequizar seus alunos. Sobre esse tipo de prática, relatou: “Eu tinha um catecismo que a gente lia... Hoje em dia não tem religião [...], os pais tinham o maior prazer que eu ensinasse religião aos alunos”. Sobre a sua própria formação escolar em ensino religioso, a aluna Luzia rememora:

Quando eu era aluna, a professora Célia, quando a gente chegava na escola, quando os alunos chegava na escola botava tudo pra aprender... Era... Primeiro se benzia, depois o Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria e depois a Salve Rainha. Eu me lembro, nunca me esqueci não [...]. Religião tinha muito, às vezes quando era tempo de festa assim, a gente tinha a irmã do Coração de Jesus. Fazia... Hoje em dia é que não tem nada. Ela ensinava religião, fazia aquelas perguntas, aquele catecismo. Ela ensinava a gente como era, fazia aquelas perguntas. (Luzia Honória dos Santos, 2011a).

Diante de tal rememoração, podemos afirmar que, no cerne, a formação professoral de Luzia está diretamente ligada ao modo como percebeu, experienciou, elaborou e praticou a representação docente, tendo em vista os saberes construídos em suas experiências vividas. Sobre suas práticas, expõe a professora Luzia: “Da mesma forma que fui educada, eduquei. [...] da mesma forma que aprendi, ensinei”. Assim, podemos conjecturar que o modo de ser professora de Luzia foi fruto de aprendizagens não intencionais em espaços por vezes não institucionalizados. Neste caso, fábrica, roça e escola foram lugares que a inspiraram, despertaram e motivaram a “ser professora”.

Arremates

Quando eu morrer vão dizer: ‘Foi uma professora boa!’

Luzia Honória dos Santos (2011b)

Costurar pacientemente cada retalho de memória da nossa personagem para compreender o sujeito que se compõe pelas experiências vividas não constituiu tarefa fácil. Escolher criteriosamente as linhas, as agulhas, os cortes e as combinações foi um trabalho que se delineou na lentidão, no movimento que respeitou o ritmo do silêncio, do esquecimento, dos lapsos... De tal maneira, não fizemos nossa “colcha de retalhos” em uma máquina ágil e veloz, mas de forma artesanal, no coser pelas mãos, em cima das pernas, na precisão do olhar e da mente, no movimento de vai e vem da cosedura e dos arremates dos retalhos de memória. Essas memórias, cosidas na substância da vida, são capazes de revelar o cerne da experiência de Luzia que se fez professora por entre as práticas escolares e a cultura escolar produzidas e experienciadas no interior da sala de aula. Das memórias da aluna/operária/professora, recortamos os retalhos com os quais compusemos nossa personagem: Luzia Honória dos Santos.

Foi na escola da vila operária que a professora Célia, para ensinar os rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo, segurou na mão da aluna Luzia e ela, com o ponteiro, começou a rascunhar seu primeiro pedaço de memória nas pedras de ardósia. Essas experiências foram essenciais para compor imagens do seu tempo escolar. Também entre os teares e tessituras da Fábrica de Tecido Santa Cruz, a ainda menina Luzia viveu experiências para tornar-se professora. Esse retalho estampa desenhos feitos pelas

muitas mãos de operários, manchadas pela graxa escura dos teares mecânicos. Outra imagem apresenta o desenho feito pela poeira do chão de terra batida do povoado de Arauary. No cenário rural da Escola Isolada Joaquim Cardoso de Araújo, Luzia se consolidou como professora pela junção de outras experiências. Eis a “colcha de retalhos”! São retalhos estampados na escrita da pedra de ardósia pela graxa da máquina e pela poeira da roça.

Distante do que ditavam os regulamentos oficiais, os métodos de ensino, as reformas educacionais, a formação de professores, uma história docente foi narrada; tomaram forma de texto as memórias de uma professora do interior de Sergipe que construiu sua prática docente dentro do que era possível fazer, dadas as circunstâncias intelectuais e materiais. Pois, extrapolando o conjunto de saberes e métodos prescritos pelo Estado, os modos de educar ganham forma pelas mãos dos professores no interior da sala de aula. Assim, a alegoria da colcha de retalhos serviu para costurar a multiplicidade de memórias de Luzia, que um dia foi aluna, operária e professora.

Por fim, reafirmamos que toda colcha de retalhos tem uma história. A nossa foi aqui costurada, revelando a imagem de Luzia Honória dos Santos. Nossa personagem se constituiu-se da filha que foi, da aluna da escola primária, da operária da fábrica, da professora na roça e da velha senhora que rememorou seu passado, talvez com a intenção de guardar seus retalhos/memórias, talvez aproveitando a oportunidade de (re)construir sua história de vida.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005. (v. 3: séc. XX). cap. 5, p. 68-76.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 1).

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CASTRO, Raquel Xavier de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Cultura material da escola: entram em cena as carteiras. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar; PETRY, Marília Gabriela (Org.). *Objetos da escola: espaços e lugares de construção da cultura material escolar* (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória (re)sentimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2001. p. 85- 93.

HOELLER, Solange Aparecida de Oliveira. *Escolarização da infância catarinense: a normatização do ensino público primário (1910-1935)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPR, Curitiba, PR, 2009.

HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 1, n. 1, p. 9-44, 2001.

LEITE, Ricardo dos Santos Silva. *Jorge Leite: um homem chamado trabalho*. Aracaju: Cia. Sul Sergipana de Eletricidade “Sulgipe”, 2008.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, 1997.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 52, p. 74-78, 1998.

VALENÇA, Cristina de Almeida. *Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão da pedagogia moderna em Sergipe – a contribuição de Helvécio de Andrade (1913- 1935)*. São Cristóvão: UFS, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e práticas escolares: *Currículo sem Fronteiras*, v. 9, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss1articles/2-vidal.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2012.

_____. Os intelectuais e as reformas. In: NASCIMENTO, Cecília Vieira do; SANTOS, Marileide Lopes dos; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). *Reformas educacionais no Brasil: democratização e qualidade da escola pública*. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

Fontes orais

SANTOS, Luzia Honória dos. *Relato oral sobre sua história de vida*. Entrevista concedida a Rony Rei do Nascimento Silva e Laísa Dias Santos. Salgado, 4 jul. 2011a.

_____. *Relato oral sobre sua história de vida [cont.]*. Entrevista concedida a Rony Rei do Nascimento Silva. Salgado, 5 jul. 2011b.

Resumo: O artigo, fruto do projeto *Modos de educar: práticas escolares e cultura escolar no território sul sergipano*, toma como objeto de estudo os relatos orais da professora Luzia Honória dos Santos, residente em Salgado (SE), com 96 anos de idade na época da entrevista. Com o objetivo de compreender as experiências que a fizeram professora, nos propusemos a coser a “colcha de retalhos” de sua trajetória de vida. Ao nos apropriarmos das memórias expressas no relato oral da nossa personagem, buscamos em Walter Benjamin e Edward P. Thompson o respaldo teórico para operar historiograficamente com a noção da “experiência”. Para tecermos suas rememorações do passado, lançamos mão da metodologia da história oral conforme preceituam Verena Alberti e Antonio Torres Montenegro. Concluímos que as experiências vividas por Luzia Honória – na condição de filha, de aluna da escola primária, de operária da fábrica e de professora na roça – se entretecem no passado da velha senhora cujas memórias lançam luz sobre a história da educação sergipana.

Palavras-chave: experiências, história da educação, memória, Sergipe.

Memories as a student, worker and rural area teacher: the experiences of Luzia Honória dos Santos

Abstract: This article is a result of the project *Ways of educating: school practices and school culture in the south Sergipe territory* and takes as its object of study the oral reports of teacher Luzia Honória dos Santos, a 96-year-old resident of Salgado, Sergipe. In order to understand the experiences that led her to become a teacher, we set out to sew the “patchwork” of her life trajectory. In order to have a proper grasp of the memories expressed in the oral report of Santos, we sought in Walter Benjamin and Edward P. Thompson the theoretical support to historiographically operate the notion of *experience*. For we may weave her recollections of the past, we used the methodology of oral history, according to Alberti (2004) and Montenegro (2010), and we concluded that the experiences of Luzia Honória – as a daughter, an elementary school student, a factory worker and as a teacher in a rural area – are interwoven in the past of the old lady whose memories shed light on the history of education in Sergipe.

Keywords: experiences, history of education, memory, Sergipe.

Recebido em 10/03/2013

Aprovado em 26/08/2013